

Isto é
30/4/97
151

112 213



De Masi e o sítio arqueológico: povoamento do Brasil recontado

FOTOS: JUCA RODRIGUES

Marco de Masi, 36 anos, acredita que os índios viveram entre 2.500 e 4.800 anos atrás. A datação, aproximada, foi feita comparando-se os utensílios de cerâmica e de pedra achados no local com outros semelhantes conhecidos de outras escavações no litoral da região Sul. Mas

como o estilo da cerâmica é diferente, talvez seja um indício de que aquela tribo seja ainda mais antiga. Em julho, Masi viaja para San Francisco, na Califórnia, onde pretende realizar a datação precisa do material no Laboratório Nacional Lawrence Berkeley. Detectar a idade certa de todo o material irá fornecer evidências concretas de quando exatamente os índios guaranis chegaram ao Sul do País. Quando os portugueses desembarcaram na Terra de

ARQUEOLOGIA

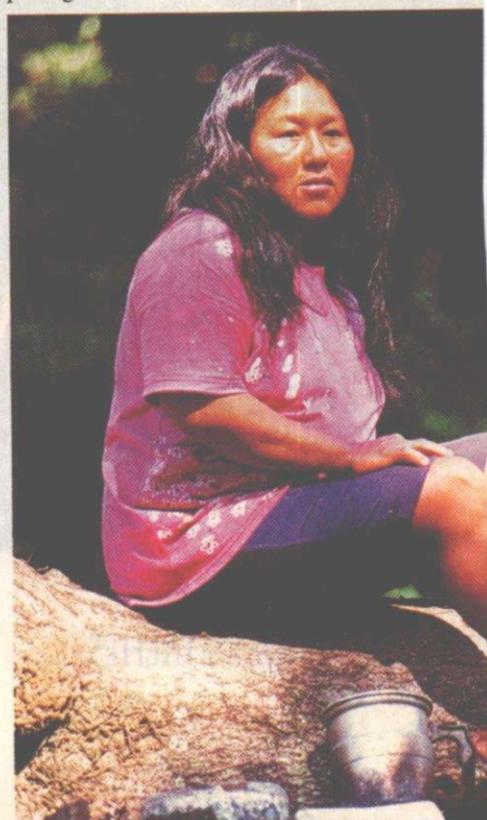
Lagoa pré-histórica

Cientista encontra ossadas de índios guaranis que habitaram Santa Catarina há milhares de anos

PETER MOON E JUCA RODRIGUES (FOTOS), DE FLORIANÓPOLIS

Um pouco da história do povoamento do Brasil pelos índios guaranis milênios antes da chegada dos portugueses está sendo escavado às margens da Lagoa da Conceição, um dos principais cartões-postais de Florianópolis. O arqueólogo paranaense Marco Aurélio de Masi encontrou em janeiro 11 ossadas de índios guaranis que viveram há milhares de anos no local, um sambaqui, tipo de sítio arqueológico formado pelo acúmulo secular de conchas quebradas, um dos principais alimentos dos povos pré-históricos que viviam à beira-mar. Os esqueletos foram encontrados a apenas 30 centímetros abaixo da superfície. São restos de duas crianças, um recém-nascido, um jovem e sete adultos. As crianças foram enterradas adornadas com colares de conchas. Uma das mulheres tinha uma tira de conchas na testa e uma cinta com duas linhas de conchas na cintura. Em outro sepultamento, foi escavada uma malha de conchas pintadas de vermelho e disposta sobre o quadril. As conchas eram presas com algum tipo de

fibra vegetal há muito decomposta. Existe ainda um "porta-jóias", na verdade uma grande e bela concha dessas de colocar no ouvido "para ouvir o som do mar", no interior da qual havia 19 conchinhas polidas e trabalhadas. Um homem foi enterrado segurando duas pontas de flecha de quartzo leitoso, uma em cada mão. Outro tinha uma faca de quartzo polida ao lado do crânio. Foram também escavados fragmentos de cerâmica com desenho no estilo guarani, mas com formas até então desconhecidas, um cálice feito de ostra, um forno de barro, panelas de argila com tampo de osso de baleia e maceradores de pedra, feitos para quebrar cocos. Espalhados pelo sítio, existe uma profusão de ossos de porcos-do-mato, golfinhos, baleias, veados, preás, cotias, peixes e sementes de diversas frutas, os alimentos daqueles índios. A meta do arqueólogo é saber se o local era um acampamento ocupado por diversas populações itinerantes que se sucederam umas às outras ou por uma tribo sedentária que lá viveu por séculos.



Isto é!
30/4/97 cont.
51

Vera Cruz, primeiro nome colonial, aqui já viviam centenas de tribos com milhões de índios, a maioria dizimada em poucos anos principalmente por epidemias trazidas pelo europeu contra as quais as populações indígenas não possuíam defesas, como a gripe, a varíola e o sarampo. Do Rio Grande do Norte até o Uruguai e a Argentina, o litoral era dominado pelos índios guaranis. Os guaranis descendem da etnia tupi-guarani, que, originária da Amazônia, aproximadamente em 2.500 a.C. começa a migrar para a região Sul via Mato Grosso e para o Nordeste, onde ficou conhecida como tupi. Ao chegar em Santa Catarina, os guaranis encontraram outras duas etnias que viviam lá, os caingangues e o xoclengues, invadindo suas terras. Com o tempo, acabaram por superá-los em número.

“Vou também analisar o DNA, o material genético dos ossos, para estabelecer a relação de parentesco dos índios mortos”, diz Masi, professor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e atualmente fazendo seu doutorado na Universidade de Stanford, vizinha de San Francisco. O estudo do DNA será feito pela equipe do professor Luca Cavalli-Sforza, diretor do Projeto Diversidade do Genoma Humano, que investiga os genes de populações de todo o planeta para criar uma espécie de árvore genealógica da humanidade. Masi divide seu tempo entre as aulas na UFSC, a escavação do sítio e o estudo dos objetos encontrados. “O dinheiro da escavação sai do meu bolso. Não consegui nenhuma verba para financiar a pesquisa.” ■

A índia que desafia a ciência

Logo que descobriu os primeiros fragmentos de cerâmica, o arqueólogo Marco Aurélio de Masi contactou o antropólogo Aldo Litaiff, do Museu de Antropologia da UFSC. Juntos, decidiram trazer alguns índios da região para mostrar-lhes o local das escavações e um pouco da história dos seus ancestrais. Dos milhões de guaranis, caingangues e xoclengues que viviam no Sul há cinco séculos, restam apenas 23.384, segundo dados da Funai. Dois deles, da aldeia guarani do Morro dos Cavalos, localizada às margens da BR-116 e a cerca de dez quilômetros da ponte que liga o continente à ilha de Santa Catarina, visitaram a escavação em janeiro. “Nunca tinha visto cerâmica com aqueles desenhos. Hoje a gente não faz mais cerâmica. Usa panela de branco”, lembra-se o índio Sílvio Duarte. Sílvio costuma levar as crianças da aldeia ao Museu de Antropologia para ver os utensílios de seus antepassados. Perguntado se achava correto cientistas escavarem cemitérios de seu povo e colocarem o material à exposição, Sílvio disse que sim. Mas a diretora do museu, Dorotéia Darella, afirma que os índios costumam dizer sim para qualquer pergunta feita por um branco, por simples cortesia. A verdade é que Sílvio não tem opinião formada.

Mas com a índia Etelvina Fontoura, 42 anos, a coisa é diferente. Há duas semanas, uma filha lhe mostrou uma página do *Diário Catarinense* de 15 de janeiro que noticiava a inauguração em Criciúma (SC) do Museu Arqueológico Igreja Nossa Senhora dos Navegantes, em convênio com a Universidade do Extremo Sul Catarinense (Ufesc). De um acervo de três mil peças, foram expostas 50, entre vasos guaranis, um sepultamento humano, pontas de flechas e ob-

jetos de pedra lascada. “A minha guéria chegou apavorada e me perguntou: Tu concorda com isso?” Etelvina vive na aldeia da Palhoça, a poucos quilômetros de Florianópolis, mas já viveu 20 anos em Porto Alegre, e, na primeira oportunidade que teve, fez a mesma pergunta à antropóloga Dorotéia. “Se fosse cemitério de branco e tivesse a cruz em cima ninguém ia profanar, não é mesmo?” Dorotéia explica que a escavação é importante para conhecer a história dos índios e para localizar lugares onde os guaranis teriam vivido, dando subsídios para a demarcação de reservas para os guaranis no Estado de Santa Catarina, que ainda não possuem nenhuma. A primeira, espera Dorotéia, será o Parque Estadual da Serra do Tabuleiro, com 87.405 hectares, 1% da área do Estado.

Etelvina não se dá por satisfeita. “Quem disse que a gente não conhece a história do nosso povo?” Ela conta que uma tia sua morreu no ano passado e queria ser enterrada ali, na Palhoça. Mas a prefeitura não deixou e o cadáver acabou no cemitério municipal. “Mas se tivéssemos enterrado minha tia aqui, vinha um dia o pessoal do museu para desenterrá-la e estudar os ossos só para dizer que era de uma índia. Isto não está certo!” A índia diz que não interessa se os ossos e utensílios expostos no museu de Criciúma são de tribos desaparecidas há milhares de anos. “Se os ossos estavam lá, por que retirá-los para expor numa vitrine? Deveriam ser reenterrados. A gente é ser humano. Não fomos comprados numa granja.”

Apesar de o antropólogo Aldo Litaiff dizer que Etelvina vive afastada da tribo e não participa mais de suas rezas e tradições, é a primeira vez que se coloca em discussão no Brasil o direito de os arqueólogos escavarem cemitérios indígenas. Nos Estados Unidos, vários esqueletos e utensílios já tiveram que sair dos museus para serem reenterrados por ordem judicial a pedido das comunidades indígenas. O tema, portanto, é atualíssimo. “É um debate que mais cedo ou mais tarde vai esquentar no Brasil”, explica Rodrigo Lavina, 33 anos, coordenador do departamento de História da Ufesc e criador do museu em Criciúma.



Etelvina: “Se fosse cemitério de branco, ninguém profanava”